

(...)

A CHAVE

Era apenas uma chave, lembro,
apenas e totalmente uma chave.

Nela eu sabia revelados os segredos
e todos os símbolos e sonhos esquecidos

Antes de mim escondidos, as esfinges
meticulosamente inventadas ou ocultas

Caiu num bueiro... Desde então
na lama, nos esgotos da alma (poesia?)

procuro a porta dos signos perdidos. Uma chave.
E dói. Pois vi quando e como se perdeu.

(...)

Desde então
me acompanham ecos dos uivos desse lobo saturnal: o pavor
de que a membrana da razão se rompa no cotidiano em pânico,
e surja das sombras o lobo, que me espreita na estreita greta

da normalidade. (Só quem viu a loucura de perto, sua estranheza
de romper-se gente – a sua própria ou a de outro cujo amor
supere a carne, sabe do que falo: da teia, do tecido delicado
que sustenta a sanidade, tão frágil louça, que por uma cedilha

quebra-se

e estilhaça

o fino pires

da razão)

(...)

“As ruas um pouco diferentes apenas. Mas no mesmo lugar. Andar por elas, principalmente à noite, é risco. Ainda assim insisto. Se nos roubaram a liberdade, a memória e os sonhos não. Ruas deste bairro das quais sempre duvidei, persistem. Os bairros se transformaram, mas da cidade restam algumas de suas faces esquecidas, ou quase, talvez a sombra sonho de uma noite urbana anacrônica as faça imutáveis para os que nos dispomos a visitá-las. Por isso insisto nesses passeios noturnos, breves e perigosos, mas que têm o sabor da memória e da transgressão, enquanto me restarem ruas e noites e sonhos, principalmente sonhos. E vida (talvez por isso sonhamos, pois já não sei o que rua, memória ou sonho)”.

(CASA PLIM).

(...)

(...) A casa: sua fachada, suas janelas fechadas que aos poucos se abrem em abandono, caem em cacos opacos, as portas: primeiro o tempo depois as pedras depois o tempo convidam e proíbem o interior mistério sempre vedado, eclipse de paisagem, ritmo de rio inevitável e ininterrupto, rumo de água que a tudo arrasta. Leva. Lava. Desmemória. As portas. Os muros. Os mesmos que antes calavam de medo minha aventura e a covardia invejosa da aventura dos fortes, pulando muros e escuros, vencendo-os, “o mundo é para quem nasce para o conquistar, e não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão”, me ensinaria o poeta, mas já então seria tarde. Os que conquistavam a vida desassombrados, enquanto eu, condenado a mim, bailava assombrações, e ainda é assim.

(...)

(...) As cabeças que perderam a memória, ou sou eu que a reencontro, memória degolada, passado que ressurge em oferta e sacrifício? Repousam sobre bandejas, nas esquivas esquinas desta antessala, as cabeças dos avós longínquos, dos parentes fotos em sépia, e outros que o sépia da memória enublou; repousam também sobre bandejas, sempre servindo e servidas, as cabeças da bá e da mãe-preta – a tive – um meio caminho talvez entre África e Minas, que além do leite ama que me dava, os tachos do doce de leite (o mesmo?) na rapa da panela – doce passado. Também descia a colher de pau,

me ardendo a bunda e os dedos curiosos e insaciáveis de mais e mais e mais
panelas, Piaget das senzalas.”

(...)

O passado se conforma entre o lírico e o delírio
O presente se restaura entre o lúdico e o possível.

(...)

A EPIDEMIA E A MÚSICA (ou da impossibilidade do sonho)

Um Dionísio aidético deitou-se sobre Apolo morto, pobre idade
de deuses doentes, pobre planeta sem ágora, tanto nos isolamos
que já não nos reconhecemos vizinhos, agora é tarde, os mortos
comuns já não cabem na praça, nos perdemos na solidão. É tarde.

Nestas cidades sem muros (e como nunca, no entanto, cercadas)
leprosos em festa banqueteiavam-se com metáforas gangrenadas,
o pão da vida perdeu-se; porque o da alma, já há muito mofara.
Eis a nossa possível Última Ceia: sem ressurreição ou milagre.

(...)

a radiografia, e o inseto que esmaguei partindo os ossos da noite, meu
ancestral jurássico parente. Não era isso que eu queria dizer, perene,
nauseando a noite. Mas disse: Matei Franz... Não era isso que eu queria fazer,
dizer, também não. Mas disse

Fiz.”

(...)

O HOMEM REAL

Era real. Não suportava o sono e seu território, mal vestia os olhos, atirava sonhos ao chão, todos de vidro. Assim se quebraram as miragens, e o homem (era real) reclama da luz profana, a vida vestida de cacos de sol

Desde então chama pelas imagens que lhe sangravam os olhos. Porém é dia, os símbolos coagularam no lençol que o expulsa, se antes sonhar lhe era impossível, viver está hoje por um triz. Era sonho, perdeu-se. É cicatriz.

(...)

Daí não há mais, por ora, cantar
o sonho, ele refez-se vida
com tal e intensa concretude, renasce
num horizonte provável em música

Fundiu-se ao dia o sonho em dialogia
é hora de se encerrar o seu ciclo
para que se encene o ciclo da vida
e se cerre nas sombras o pesadelo

que não se sabiam finitos (eram sonhos, sombras),
vestiram-se de luz e harmonia:
é o ciclo da vida que chama
com palavras precisas e versos plenos

Outra forma de poesia

(...)

UMA ANTROPOLOGIA DA ARTE: ALTAMIRA, CICLO III

A Joseph (K? Não, B.) – mera provocação

Disse-me um dia Guillén (o Jorge, por certo
que o Nicolás eu ouço mal): nunca existiu
progresso no horizonte da Arte, da Estética

(Não existe, acrescentaria, em horizonte
algum; o tempo é um elemento estático
e externo que nos ilude, elide movimento).

As instalações que povoam, e poluem as cidades
os horizontes cinzas, são nossos bisontes de feltro
e ferro (e pretensão piorados). Seriam os museus

Nossas cavernas?

Nova Iorque é Altamira...